



Revista Triplov de Artes,
Religiões e Ciências

EDITOR | TRIPLOV

ISSN 2182-147X

Contacto: revista@triplov.com

Dir. Maria Estela Guedes

[Página Principal](#)

[Índice de Autores](#)

[Série Anterior](#)

SÍTIOS ALIADOS

[TriploII - Blog do TriploV](#)

[Apenas Livros Editora](#)

[O Bule](#)

[Jornal de Poesia](#)

[Domador de Sonhos](#)

[Aguilha - Revista de Cultura](#)

[Arte - Livros Editora](#)

REVISTA TRIPLOV de Artes, Religiões e Ciências

nova série | número 28 | junho | 2012

ERVAS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Francisco Rivas Neto

Maria Elise Machado Rivas

José Luis Rojas Vuscovich

Yuri Tavares Rocha

"Este artigo é dedicado à memória e às contribuições acadêmica e espiritual do professor, babalorixá e escritor José Flávio Pessoa de Barros. Grande estudioso brasileiro de Antropologia das Religiões, de Etnobotânica, de Sistemas Classificatórios e das Religiões Afro-Brasileiras. Possuía graduação em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Gama Filho (1971), graduação em Direito pela Universidade Cândido Mendes (1969), especialização em Antropologia Biológica e Arqueologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1974), doutorado em Antropologia pela Universidade de São Paulo (1983) e pós-doutorado pela Université Paris-Descartes (1986). Autor de várias obras de referência para os estudos das Religiões Afro-Brasileiras, entre elas: "A Galinha d'Angola: Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira", "O Segredo das Folhas: Sistema de Classificação de Vegetais no Candomblé Jêje-Nagô do Brasil", "Na Minha Casa: Preces aos Orixás e Ancestrais", "A Fogueira de Xangô, o Orixá de Fogo: uma introdução à música sacra afro-brasileira", "Banquete do Rei-Olubajé" e "Ewé Òrisà: Uso Litúrgico e Terapêutico de Vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô", esta muito utilizada na elaboração deste artigo.

Òsáyìn Onísegùn Ewé ó Asá!"

Introdução

Nos dias atuais, principalmente nos grandes centros urbanos, onde a população mundial está se concentrando cada vez mais, há pessoas que, em seu cotidiano, não entram em contato com um espaço aberto nem com a natureza. Elas saem do apartamento, descem na garagem do prédio, chegam à garagem do trabalho, vão ao "shopping" almoçar, voltam ao trabalho e depois, para casa, tudo de carro e com ar condicionado. Choveu, fez sol, fez calor, ventou? Essas pessoas nem saberiam responder...

Porém, independentemente de sua crença religiosa, ou que nem a tenha, pessoas com esse cotidiano é que saem de carro e lotam as estradas nos finais de semana prolongados, para ir ao campo ou à praia, em busca de contato com a natureza. Mesmo que a natureza esteja escondida na paisagem, poluída ou alterada, mas ainda se está ao ar livre, há mais vegetação e se pode sentir o

vento, o calor e o sol. Mesmo de forma inconsciente, essas pessoas buscam resgatar o contato com a natureza, com as plantas e com o verde e obter o benefício que disso resulta. Mas por quê?

As plantas possuem, dentro de seus ciclos, um mecanismo que permite a elas, por meio da clorofila, pigmento que dá a cor verde à maioria das plantas, captarem a energia solar e transformá-la em seu alimento, juntamente com a água do solo e o gás carbônico do ar; esse processo é a fotossíntese, síntese por meio da luz. Se o fenômeno físico luz é, simbolicamente, ligado ao Espírito e ao Sagrado, por este aspecto, pode-se ter uma ideia de como as plantas são importantes para a nossa condição de seres encarnados, incapazes de produzir o próprio alimento. É por intermédio do uso das plantas em alimentos, banhos, essência, etc. é que absorvemos essa luz solar, indiretamente, mas é só isso?

Um fato primordial para a existência da vida humana é a presença do gás oxigênio na atmosfera em concentração suficiente para conseguirmos respirá-lo. Como os homens, todos os organismos aerobióticos precisam respirar oxigênio para sobreviver, que é fornecido pelas plantas como descarte da fotossíntese, que consomem o gás carbônico que eliminamos em nossa respiração. Dessa forma, tem-se outra evidência de quão importantes são as plantas no metabolismo do planeta e o papel que desempenham na sua manutenção. Evidencia-se nossa interdependência com as plantas e com a natureza, mesmo que não se perceba isso.

O oxigênio é o elemento que mais simboliza nossa situação de comunidade planetária: o ar que respirávamos quando escrevíamos este artigo pode estar entrando em seus pulmões nesse instante em que você o lê. E, o ar que expirei, antes de chegar aos seus pulmões, foi absorvido por uma planta e o gás carbônico por mim eliminado nesse ar pôde ser consumido pela planta, que eliminou oxigênio, que voltou ao ar que acabou de ser inspirado por você!

Na Botânica, ciência que estuda as plantas, há um ramo chamado Etnobotânica, que estuda a ligação entre as plantas e as culturas e etnias, procurando entender como as plantas são apropriadas pelo homem em seus usos alimentícios, fitoterápicos, ritualísticos e religiosos, entre outros. Existem inúmeros exemplos desse fato no planeta.

Um campo de pesquisa etnobotânica ainda pouco explorado no Brasil é aquele que busca compreender a ligação das plantas e as culturas e etnias que já existiam no Brasil e as que chegaram em diferentes momentos históricos, procurando entender como as plantas eram e são utilizadas em termos sagrados, ritualísticos e religiosos dentro das religiões afro-brasileiras em sua mais ampla diversidade de tradições, tais como Umbanda, Jurema, Omolocô, Tambor de Mina, Terecô, Candomblé, Pajelança, Catimbó, Xambá, Babassuê, Toré, entre outras (1).

As religiões afro-brasileiras estão envolvidas num processo de miscigenação, uma vez que o Brasil recebeu "(...) uma amostra de todas as culturas com suas respectivas teogonias e cosmogonias e as miscigenou em tempo recorde, se torna natural a recriação e aparente mistura das nomenclaturas (...) no amplo território brasileiro. O Brasil, por ser um país continente, recebeu em diferentes proporções, influências culturais da Europa, África, América e Ásia, dando características específicas a cada região, que compõe nosso território. [As religiões afro-brasileiras acompanharam] essas características regionais, [elas se apresentaram] de diversas maneiras em locais distintos" (2).

"As Três Escolas Umbandistas Primevas são idênticas às matrizes formadoras do povo brasileiro: Indo-Européia, Africana e Ameríndia. Vejamos os exemplos de cada uma delas:

1ª Umbanda Traçada e Candomblé de Caboclo – como descendentes da matriz Africana. Óbvio, há traços das demais (Indo-Européia e Ameríndia), mas a predominância é Africana.

2ª Pajelança, Jurema – descendentes da matriz Ameríndia, com maior ou menor influência das demais matrizes formadoras.

3ª Umbanda Branca, Umbanda Cristã e Umbanda Oriental – descendentes da raiz Indo-Européia, com traços mais ou menos marcantes das outras duas

matrizes ou raízes” (3).

Nas religiões afro-brasileiras, inúmeras plantas são utilizadas em ritos, defumações, banhos, ornamentos, sacudimentos, preceitos, oferendas, etc., além da utilização como essências. Sua utilização está ligada à magia vegetomagnética porque as plantas, além dos aspectos já comentados, são consideradas sagradas e relacionadas aos Orixás (4, 5).

As plantas utilizadas nos ritos, cerimônias e oferendas das religiões afro-brasileiras, que também podem ser chamadas de ervas, estão, como tudo na matéria, ligadas às vibrações dos Orixás. Assim, cada planta está associada a um determinado Orixá de maneira mais direta e às suas correlações vibracionais com os signos, os astros, os entrecruzamentos vibracionais e as entidades espirituais. Por essa razão, são sagradas, além de assimilarem e conterem o “prana”, a energia vital emanada pelo Sol e absorvida pelas plantas. Também, por não terem consciência, essa energia é mantida pura e inalterada.

Neste artigo, selecionaram-se algumas dessas ervas ou plantas sagradas para as religiões afro-brasileiras, para conhecermos alguns de seus aspectos botânicos, etnobotânicos e sagrados, fazendo a ligação entre ciência e religião, dois importantes pilares do conhecimento humano. São elas: akoko, ogbó, osibata, rinrin, peregum, teteregum, awurepepe, odundun, makasa, abamodá, erva-de-são-joão, malva-cheirosa, manjeriço, levante, erva-de-santa-maria e owu.

AKOKO

Também chamado de folha-de-akoko e acocô, é uma planta nativa da África Tropical Centro-Oeste (Cameroon Guiné Equatorial, Gabão, Zaire) e da África Tropical Oeste (Benin; Costa do Marfim, Gambia, Ghana; Guiné, Libéria, Nigéria, Senegal, Sierra Leone, Togo).

Pertence à família Bignoniaceae, cujo nome científico é *Newbouldia laevis* (P. Beauv.) Seem. ex Bureau. É uma árvore de porte médio (12-15m), de crescimento rápido (Fig. 1), com muitas folhas e de aspecto tropical. As flores são tubulares, cor-de-rosa, arranjadas em inflorescência e atraem borboletas e abelhas. É relativamente resistente ao frio e bem aclimatada ao Brasil, principalmente na Bahia (6).



1. Árvore de akoko (*Newbouldia laevis*) na Costa do Marfim, África (7).

Ligada aos orixás Ossaim e Ogum, essa árvore está relacionada à prosperidade para os iorubás, uma vez que seus ramos, utilizados como estacas, são usados na montagem de barracas em mercados populares e, quando os feirantes vão embora, deixam essas estacas, que brotam e originam novas árvores (8).

As folhas de akoko são utilizadas no culto aos orixás e nos terreiros

egúngún, em oferendas e em cerimônias de iniciação, "(...) no *àgbo* e em banhos para todos os iniciados, independentemente de qual seja o orixá" (9).

Essa planta tem utilização medicinal como vermífugo, antisséptico, antidiarreico, tônico, laxante, contra elefantíase, etc. (10). Também o extrato de folhas de akoko foi testado como bactericida no tratamento de redução de cáries e se mostrou muito eficiente (OKEKE, 2003).

Como exemplo de conhecimento etnobotânico já pesquisado, o akoko é utilizado no combate ao sarampo em crianças pela população de Ijebu-Ode, município no sudoeste da Nigéria; Ijebu-Ode era, no século XVI, a capital do Reino de Ijebu, uma etnia dos Yorubá, um dos maiores grupos etno-linguístico ou étnico na África Ocidental. Hoje, ainda é falado o Ijebu, dialeto do Yorubá (12).

Foi realizado um estudo científico sobre seu uso religioso pelos Ehotilés, grupo étnico Akan existente no sudeste da Costa de Marfim, e se constatou que a espécie *Newbouldia laevis*, entre outras, é utilizada como um marcador simbólico para os pontos sagrados (13).

OGBÓ

Também chamado de cipó-de-leite, folha-de-leite, rama-de-leite e orelha-de-macaco.

É uma planta nativa da África Tropical (Angola, [Congo](#), [Cameroon](#), [Gabon](#), [Niger](#), Sierra Leone), pertencente à família Apocynaceae, subfamília Periplocoideae, sinonímia de Periplocaceae = Secamonoideae + Asclepiadoideae (14).

Seu nome científico é *Periploca nigrescens* Afzel. ou *Parquetina nigrescens* (Afzel.) Bullock (15) e é um arbusto escandente, trepadeira ou cipó, com folhas cordiformes (Fig. 2) e encontrada no sub-bosque de florestas.



Ligada aos orixás Oxossi e Ossaim, essa planta foi levada ao Brasil pelos nagôs, onde se aclimatou muito bem, sendo cultivadas para fins ritualísticos (17).

Sua utilização medicinal é tratar epilepsia (18), além de seu extrato aquoso ser utilizado em parâmetros hematológicos em anemia (19).

Alguns estudos etnobotânicos já foram realizados sobre o ogbó: na África Ocidental, é utilizado para produzir borracha (20); também é feito um antídoto com extrato de suas raízes e com outras plantas (21).

OSIBATA

Também chamada de golfo-de-flor-branca, lírio-da-água, nenúfar-branco, lótus-branco e lótus-do-egito.

É uma planta nativa do leste de África e do sudeste da Ásia, pertencente à família Nymphaeaceae, cujo nome científico é *Nymphaea lotus* L.. É uma planta aquática e perene, de águas paradas, limpas e um pouco ácidas, cujas folhas flutuam na superfície da água. Os botões florais sobem acima da superfície e se abrem (Fig. 3).



3. Folhas e flor de osibata, *Nymphaea lotus* (22)

Há outras espécies também conhecidas por osibata, como *Nymphaea alba* L. (golfo-de-flor-branca), *Nuphar luteum* Sibth. et Smith (golfo-de-flor-amarela), *Nymphaea rubra* Roxb. ex Salisb. (golfo-de-flor-vermelha) e *Nymphaea caerulea* Andr. (golfo-de-flor-lilás). Essas espécies foram utilizadas pelos escravos nagôs em substituição à *Nymphaea lotus*, introduzida no Brasil muito tempo depois (23).

Todas as espécies de golfo são utilizadas em ritos de iniciação, *agbó* e banhos de purificação, sendo que o de flor branca é utilizado “nas obrigações dos filhos” de Oxalá, Iemanjá e Xangô; o de flor amarela, para Oxum; o de flor vermelha, para Iansã e Obá; e, o de flor lilás, para Nanã e Ewa; além disso, nos ritos de obrigação “dos sete anos, osibata é planta indispensável a qualquer iniciado” (24). Também há o uso em rituais funerários de purificação (25).

Possui uso medicinal, sendo indicada como sedativo e calmante e também contra taquicardia, fadiga geral, edema e coceira (26). Também utilizada contra disenterias, diarreias e doenças dermatológicas (27).

Já foi registrado o conhecimento etnobotânico dessa planta pelas populações tradicionais de Benin (África), que utilizam suas flores para uso veterinário (28).

RINRIN

Também chamado de alfafaquinha, alfafaquinha-de-cobra, oriri, oriri-de-oxum, oriri-de-mamãe-oxum e erva-de-jaboti.

É uma planta nativa da África, que se adaptou muito bem às Américas. Pertence à família Piperaceae e seu nome científico é *Peperomia pellucida* (L.) Kunth. É uma planta herbácea, anual, com raízes superficiais, com altura entre 15 e 45 cm, com ramos e hastes suculentas. Suas folhas, pequenas e brilhantes (Fig. 4), têm cheiro semelhante à mostarda, quando amassadas.

Ligada aos orixás Oxalá e Oxum, essa planta é fundamental nos ritos de iniciação e obrigações periódicas nos terreiros de candomblé jejê-nagô, participando do ágbo de



Fig. 4. Folhas e inflorescências de rinrin, *Peperomia pellucida* (29)

todos os orixás; no aspecto sincrético com o catolicismo, rinrin "(...) pertence também a Oxum que, na qualidade de *Opará*, é sincretizada com Santa Luzia, sendo ambas protetoras dos olhos" (30).

Tem uso medicinal contra dores abdominais, de cabeça, asma, espasmos, tosse e diarreia, além de ser depurativo (31, 32). O sumo extraído do caule do rinrin também é utilizado contra irritações e inflamações oculares (33).

Como exemplos de pesquisas sobre seu conhecimento etnobotânico, pode-se citar que o rinrin é considerado uma planta medicinal usada no Suriname (34) e que suas folhas são utilizadas como alimento pelos vietnamitas (35).

PEREGUN

Também chamada de dracena, dracena d'água, pau d'água, nativo e coqueiro-de-vênus.

É uma planta nativa da África Ocidental, Tanzânia e Zâmbia. Pertence à família Rusceae (Agavaceae) e seu nome científico é *Dracaena fragans* (L.) Ker Gawl. É uma planta arbustiva, de folhas verdes em rosetas, podendo ter faixas amareladas, com altura de 2 a 6m; seu crescimento é limitado quando são cultivadas em água, daí seu nome comum. Suas flores, arranjadas em inflorescências pendentes (Fig. 5), são muito perfumadas, originando seu termo específico *fragans*, de aroma agradável.



Fig. 5. Folhas e inflorescências de peregum, *Dracaena fragans* (36)

Ligado ao orixá Ogum, o peregum é a planta mais popular nos candomblés do Brasil, utilizado no *àgbo* e em sacudimentos, banhos e diversos ritos; por exemplo, ao final dos 17 dias em que ocorre a iniciação, é feito um rito que termina assim: "(...) uma folha de peregum é colocada nas mãos do Ião e, sobre ela, é depositada uma brasa incandescente, para ser, em seguida, resfriada com a água de uma quartinha de barro. Nesse ritual estão simbolizados os quatro elementos da natureza, o fogo contido na brasa, a água da quartinha, a terra representada pela folha de peregum, e a fumaça gerada retratando o ar" (37).

O peregum também pode ser plantado ao redor da casa de Ogum, formando cervas-vivas; plantado para receber as oferendas a esse orixá; empunhado pelos orixás durante as danças, substituindo outros objetos ritualísticos tradicionalmente usados; e, na imantação de objetos ritualísticos de ferro dedicados a Ogum, Ossaim, Oxossi ou Omulu, que são colocados no fogo, retirados incandescentes e resfriados com água sobre as folhas do peregum (38).

Além disso, é uma das plantas usadas em cerimônias de casamento, em

encontros dedicados à feitiçaria e em cerimônias religiosas pela população que vive no entorno do Parque Nacional Kibale, em Uganda Ocidental, África (39).

Seus usos medicinais dermatológicos e oftalmológicos por populações tradicionais ainda não foram suficientemente estudados (40). Em banhos ou em compressas, suas folhas maceradas podem ser utilizadas contra o reumatismo (41).

Como exemplo de pesquisa sobre seu conhecimento etnobotânico, descobriu-se que é uma das plantas utilizadas pela população do distrito rural de Bushenyi, Uganda, para induzir o trabalho de parto (42).

TETEREGUN

Também chamada de cana-do-brejo, cana-de-macaco, cana-do-mato, sanguelavô, sangolavô e ubacaia.

É uma planta nativa da África Ocidental e Tropical, sendo encontrada no Senegal, Etiópia, Tanzânia, Malawi e Angola. Pertence à família Costaceae e seu nome científico é *Costus afer* Ker Gawl., sendo que uma espécie brasileira do gênero *Costus* também é conhecida por teteregun: *C. spicatus* Sw.. É uma planta perene, herbácea, com as folhas arranjadas em espiral ao longo das hastes, que podem ter de 1 a 2 m de comprimento; as flores estão arranjadas em inflorescências terminais, com brácteas verdes, e flores brancas e cor-de-rosa (Fig. 6).



Fig. 6. Folhas de teteregun, *Costus afer* (43)

Ligado ao orixá Oxalá, o teteregun é indispensável nos ritos de iniciação de neófitos, já que ela representa "(...) a morte simbólica da vida profana e o nascimento do orixá [e ao] teteregun (...) é atribuída a característica de 'folha da vida e da morte', conforme o orin ewe (cântico) específico deste vegetal, pois, 'TÈTÈRÈGÚN ÒJÒ DO M'PA TÈTÈRÈGÚN ÒJÒ WO BÍ WÁ' (Tètèrègún é como a chuva que mata, tètèrègún é como a chuva que dá vida)" (44).

A utilização medicinal do teteregun é contra dores estomacais, erupções e inflamações dermatológicas, náuseas e a doença do sono; e, no tratamento de hipertensão e diabetes e como estimulante e afrodisíaco (45). Também, em forma de chá, juntamente com cabelo-de-milho e quebra-pedra, é utilizado contra cálculos renais (46).

Em estudo etnobotânico, constatou-se que o teteregun é uma das 75 plantas medicinais existentes nos bosques sagrados do povo de Kpaa Mende, no distrito de Moyamba, em Sierra Leone, África. (47).

AWUREPEPE

Também chamada de treme-treme, agrião-do-pará, jambu, agrião-do-brasil, pimenta d'água e jambu-açu.

É uma planta nativa da África e da América do Sul. Pertence à família Asteraceae (Compositae) e seu nome científico é *Spilanthes acmella* (L.) Murray. É uma planta herbácea, anual, quase rasteira, aromática, de até 30-50 cm de altura e com inflorescências amarelas (Fig. 7).



Fig. 7. Plantas de awurepepe (*Spilanthes acmella*), destacando-se suas inflorescências amarela (48)

Ligado aos orixás Oxalá e Oxum, o awurepepe é utilizado no *ágbo*, em banhos e para lavar os olhos e os búzios, sendo que suas flores são ligadas a exu; é “(...) visto como extremamente benéfico e exaltado no *korin ewé* (cântico sagrado): AWÛRÉPÉPÉ PÈLÉPÈLÈ BEÒ significando, AWÛRÉPÉPÉ, sensatamente, abençoe-nos” (49).

Como um de seus nomes já indica, agrião-do-pará, é uma planta muito conhecida no estado Pará e na região norte brasileira, sendo um dos ingredientes do preparo do tucupi, prato típico paraense (50).

Como utilização medicinal, já se descobriu que nas mais de 60 espécies do gênero *Spilanthes*, originárias da América Tropical, África, Bornéu e Austrália, o espilantol é encontrado nas inflorescências e folhas, composto que tem propriedades anestésicas locais, por exemplo, contra dor de dente (51, 52). Especificamente para *S. acmella*, suas propriedades anestésicas e antipiréticas já foram estudadas (53). Além disso, as folhas são usadas contra escorbuto, anemia e dispepsias e também podem ser utilizadas no preparo de xarope expectorante para crianças; e, o extrato de suas flores elimina dores de dente (54).

ODUNDUN

Também chamado de saião, folha-da-costa, calanchoe, folha-grossa, para-tudo e erva-grossa.

É uma planta nativa da África Tropical até África do Sul. Pertence à família Crassulaceae e seu nome científico é *Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw.. É uma planta herbácea, ereta ou ascendente, suculenta de 1-2 m de altura; suas folhas verdes têm as bordas crenadas, às vezes avermelhadas e afinadas; suas flores são arranjadas em inflorescências tipo corimbo, amarelas, alaranjadas ou avermelhadas (Fig. 8).



Fig. 8. Folhas e inflorescência de odundun, *Kalanchoe crenata* (55)

Apesar de ser ligado ao orixá Oxalá, o odundun é uma planta "(...) dedicada a todos os orixás ligados aos mitos da criação, conhecidos como òrìsà-funfun, e, por extensão, é utilizada para os demais orixás"; é utilizado em *àgbo*, banhos, oferendas e nos sacrifícios ritualísticos de animais, tais como pombos, cágados, patos e galinhas-d'angola, uma vez que suas folhas são colocadas sobre os olhos do animal, para que ele não veja a morte (Ikú); também, juntamente com outras ervas, é usado "(...) para 'lavar os búzios e as vistas' dos sacerdotes que utilizam os jogos divinatórios" (56).

Seu uso medicinal é no tratamento de dores do baço (57); anti-inflamatório (58) e contra otites, dores de cabeça, inflamações, convulsões e debilidade em geral (59). O odundun também é utilizado contra doenças pulmonares, úlceras e distúrbios estomacais e na cicatrização (60). *Kalanchoe crenata*, chamado em Camarões de *Noppi bali* em *Mbororo*, é usado contra larvas, anaplasmose e babesiose em animais (61).

Em pesquisa etnobotânica, descobriu-se que *K. crenata* é uma das 83 espécies de plantas medicinais utilizadas por 42 curandeiros tradicionais de 12 vilas estudadas do grupo étnico Hehe, das montanhas de Udzungwa, na Tanzânia, África; os métodos tradicionais de conservar plantas medicinais incluem o controle social do acesso (bosques sagrados), da domesticação, da coleta sustentável e do armazenamento (62).

MAKASA

Também chamado de catinga-de-mulata.

É uma planta nativa da África e das Américas. Pertence à família Lamiaceae (Labiatae) e seu nome científico é *Hyptis mollissima* Benth.. É uma planta herbácea, anual, aromática, ereta e ramificada, de 0,5 a 1,5 m de altura (Fig. 9).



Ligado aos orixás Oxalá, Oxum e Iemanjá, as folhas de makasa são utilizadas no *àgbo* dos filhos desses orixás, mas também podem ser usadas em banhos purificatórios por filhos de outros orixás, para lavar os búzios e "(...) misturadas ao manjeriço, manjerona, levante-miúda e colônia, compõem um banho aromático com finalidade de atrair boa sorte" (64).

Como utilização medicinal, já se constatou que algumas espécies do gênero *Hyptis* são usadas contra cólicas menstruais, problemas digestivos, gripes, resfriados, problemas respiratórios e cefaléias (65). Também é utilizado em banhos antitérmicos em crianças (66).

Fig. 9. Folhas e inflorescências de makasa, *Hyptis mollissima* (63)

ABAMODÁ

Também chamado de folha-da-fortuna, fortuna, folha-grossa e milagre-de-são-joaquim.

É uma planta nativa da África Tropical, cultivada ou ambientada em muitas ilhas do oceano Pacífico (Tonga, Havaí) e no Brasil. Pertence à família Crassulaceae e seu nome científico é *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken. É uma planta herbácea, suculenta, com 0,5-1,0 m de altura e folhas compostas por três folíolos (Fig. 10).



Fig. 10. Plantas de abamodá, *Bryophyllum pinnatum*, e detalhe de suas folhas trifolioladas (67)

O abamodá está ligado aos orixás Ifá, Oxalá e Xangô e é muito utilizado nos ritos de iniciação, *àgbo*, banhos de purificação, sacralização de objetos ritualísticos dos orixás e na "(...) lavagem dos búzios e das vistas e para assentar Exu de mercado"; na tradição africana, é uma planta que pertence "(...) aos orixás-*funfun* (originais), pois, quando um vegetal é usado para vários orixás é porque, com raras exceções, normalmente ele está ligado a Ifá ou Oxalá" (68).

Sua utilização medicinal é contra asma (69), tosse, gastrite, alergias e úlceras (70). Também é uma planta indicada "(...) como refrigerante, diurética e sedativa. Combate encefalias, nevralgias, dores de dente, coqueluche e afecções das vias respiratórias. É, ainda, utilizada externamente contra doenças de pele, feridas, furúnculos, úlceras e dermatoses em geral" (71). É uma das plantas medicinais comercializadas no Suriname (72).

ERVA-DE-SÃO-JOÃO

Também chamada de mentrasto, picão-roxo, macela-de-são-joão e catinga-de-bode.

É uma planta cosmopolita tropical, ou seja, ocorre em praticamente todas as regiões tropicais. Pertence à família Asteraceae (Compositae) e seu nome científico é *Ageratum conyzoides* L.. É uma planta herbácea anual, ereta, pilosa e aromática, com até 1 m de altura. Inflorescência tipo capítulo com 30-50 flores de cor lilás a branca (Fig. 11).



Fig. 11. Planta de erva-de-são-joão, *Ageratum conyzoides* (73)

A erva-de-são-joão, também chamada de *nagô isúmi uré* nos candomblés brasileiros, está ligada aos orixás Xangô e Orumilá e é utilizada "(...) em banhos de purificação e sacudimentos para combater feitiços, pois é considerada uma das melhores 'folhas de defesa' nos terreiros jêje-nagôs. [Inclusive] (...) tem a finalidade de combater os feitiços enviados pelas *Ïyámi* (feiticeiras)" (74).

Em termos medicinais, possui propriedades hemostática e cicatrizante de ferimentos; usado também como antiinflamatório (75). O chá de suas folhas também é utilizado contra cólicas intestinais causadas por diarreia e aerofagia, além de ser considerado tonificante, antidepressivo, excitante, antiinflamatório, analgésico e cicatrizante (76).

A utilização de espécies de *Ageratum* como planta medicinal e os conhecimentos etnobotânicos sobre elas já foram registrados em diversos países, tais como: na medicina tradicional da Nigéria (77); na medicina tradicional dos *Vaidyas*, médicos *Ayurvedas*, médicos da ciência da vida, na Índia (78); na medicina da tradicional da Comunidade Mumbuca, no município de Jalapão, estado de Tocantins, Brasil (79).

MALVA-CHEIROSA

Também chamada de malva-de-botica, malva-alta e malva-grande.

É uma planta nativa da Europa, Ásia e África. Pertence à família Malvaceae e seu nome científico é *Malva sylvestris* L.. É uma planta herbácea anual ou bianual, de até 1 m de altura, com folhas alternas, glabras ou pilosas, palmínervias, riniformes ou cordiformes e com margens lobadas e serradas. Suas flores são púrpuras ou de variações de rosa, surgindo na primavera e no verão (Fig. 12).



Fig. 12. Planta de malva-cheirosa (*Malva sylvestris*), com folhas e flores (80)

É uma planta que corresponde à vibração do Orixá Oxossi com intermediação para Oxalá, representada pelo Caboclo Arruda e relacionada ao Exu Campina (81).

Em termos medicinais, a malva-cheirosa apresenta propriedades adstringentes, expectorantes e cicatrizantes e é utilizada em banhos, gargarejos, contusões, hemorróidas e inflações de boca e garganta; as flores de malva-cheirosa têm sabor adocicado e podem ser consumidas em saladas ou cristalizadas para serem usadas como enfeites em confeitaria (82).

Pesquisas têm registrado os conhecimentos etnobotânicos sobre essa planta: utilizada como planta medicinal na Itália (83); folhas e flores utilizadas como alimento e chá na Turquia (84); e, utilizada como planta medicinal em Portugal (85).

MANJERICÃO

Também chamado de manjeriço-doce, manjeriço-de-folha-larga, manjeriço-grande, manjeriço-de-molho e basilíco.

É uma planta nativa da Ásia Tropical. Pertence à família Lamiaceae (Labiatae) e seu nome científico é *Ocimum basilicum* L.. É um arbusto de até 1,5m de altura, aromático e bastante ramificado, florescendo quase o ano todo (Fig. 13).



Fig. 13. Planta de manjeriço, *Ocimum basilicum* (86)

O manjeriço, também chamado de *efínrin*, está ligado aos orixás Iemanjá e Oxum e é utilizado "(...) na Casa das Minas, culto jêje-mina no Maranhão, em uma mistura chamada 'banho de Natal', que combina diversas plantas aromáticas consideradas benéficas e atrativas de boa sorte" (87).

O *flavor* do manjeriço é explorado na culinária, em molhos e massas, como condimento e como fragrância em produtos farmacêuticos (88). Em termos medicinais, o manjeriço é recomendado contra problemas respiratórios, digestivos, espasmos, infecções bacterianas e parasitas intestinais e é antirreumático (89). Seu extrato apresenta grande atividade antimicrobiana (90).

Também é indicado contra gases e cólicas intestinais, diarreias, afecções urinárias e respiratórias, amidalites, gengivites e aftas (91).

Como exemplo de conhecimento etnobotânico, foi registrado o uso do manjeriço por fazendeiros austríacos, onde é cultivado em pequenos jardins junto às residências das fazendas (92).

LEVANTE

Também chamada de alevante-miúda e alevante.

É uma planta nativa da Europa. Pertence à família Lamiaceae (Labiatae) e seu nome científico é *Mentha citrata* Ehrh. ou *Mentha x piperita* L. var. *citrata* (Ehrh.) Briq.. É uma planta herbácea, anual ou perene, com 30-50 cm de altura, semi-ereta, aromática (Fig. 14).



Fig. 14. Planta de levante, *Mentha citrata* (93)

A levante, também chamada de *eré tuntún*, está ligado aos orixás Oxum e Iemanjá e é utilizada "(...) para compor o amassi empregado na preparação dos búzios usados para fazer previsões; (...) nos rituais jêje-nagô (...) em banhos purificatórios, quanto em 'defumadores paras atrais coisas boas'; (...) [é considerada] 'uma planta de uso não aconselhado para as pessoas de Obá', pois, na África, estas Iabás são representadas por dois rios que, quando se encontram, as águas ficam tempestuosas, fenômeno ligado ao mito em que Oxum e Obá guerrearam pelo amor de Xangô" (94).

Como planta medicinal, é indicada para dores de estômago, náusea, parasitas e outros distúrbios digestivos; para febres e dores de cabeça; e, tem propriedades, analgésicas, antissépticas, antiespasmódicas e vasodilatadoras (95).

Como exemplo de conhecimento etnobotânico, foi registrado o uso da levante como planta medicinal pela população da Reserva Extrativista Chico Mendes, localizada no estado do Acre, Brasil (96).

ERVA-DE-SANTA-MARIA

Também chamada de mastruz, erva-formigueira, chá-do-méxico e ambrosia.

É uma planta nativa da América Central e do Sul. Pertence à família Chenopodiaceae e seu nome científico é *Chenopodium ambrosioides* L.. É uma planta herbácea ou subarborescente anual ou perene, com forte aroma um pouco desagradável e característico, sendo muito ramificada e com até 1 m de altura;

com folhas maiores na parte inferior da planta e menores e mais finas na parte superior (Fig. 15); suas flores são pequenas e verdes.



Fig. 15: Planta de erva-de-santa-maria, *Chenopodium ambrosioides* (97)

A erva-de-santa-maria, também chamada pelos nomes iorubás *mánturusí* e *imi iyín*, está ligado ao orixá Obaluaiê e é utilizada "(...) nos candomblés brasileiros (...) em sacudimentos de pessoas com problemas de saúde" (98).

Como planta medicinal, é antirreumática, vermífuga (principalmente contra *Ascaris lumbricoides*), usada contra bronquite e tuberculose (99). Também é utilizada contra aerofagia, afecções pulmonares e verminoses, além de seus galhos secos funcionarem como repelentes contra pulgas e percevejos (100).

Como exemplo de conhecimento etnobotânico, foi registrada como planta medicinal em Goiás (101). Porém, suas folhas já eram usadas pelos maias para temperar milho, feijão, sopa, peixe e moluscos, sendo muito usada até hoje como chá no México (102). É uma das 108 plantas medicinais usadas pela etnia indígena Teribe, Bocas del Toro, província do Panamá (103).

OWU

Também chamada de algodoeiro-americano.

É uma planta nativa da América do Sul Ocidental Tropical (Peru, Equador). Pertence à família Malvaceae e seu nome científico é *Gossypium barbadense* L.. É uma planta tropical perene, arbustiva que produz flores amarelas (Fig. 16) e tem sementes pretas, sendo muito sensível à geada.



O owu, planta de grande importância para os jêje-nagôs, também chamado de *ewé òwú*, *àgbède*, *kéréwùú* e *òwu*, está ligado ao orixá Oxalá e Orumilá e é utilizado de várias formas: "(...) as folhas (...) nos rituais de iniciação; (...) os caroços negros funcionam como 'favas' e são colocados dentro da gamela que contém os objetos rituais de Xangô Airá; (...) o algodão é a matéria-prima na fabricação do tecido predileto de Oxalá, o morim, o algodão puro. Utiliza-se também para cobrir oferendas quando se pede pela saúde de alguém. (...) Òsá, o signo feminino que rege o útero e a menstruação, foi escolhido por Olorum como guardião do algodoeiro primordial" (105).

Fig. 16. Planta de owu,
Gossypium barbadense (104)

Em termos medicinais, é utilizado como abortivo e expectorante e contra disenteria e tumor linfático (106). Possui "(...) ação hemostática, dá os melhores resultados no combate às desordens menstruais em que há regras abundantes, e nas hemorragias após o parto. Emprega-se ainda no tratamento das inflamações e dores do útero, e na retenção da placenta, usando-se igualmente para provocar contrações uterinas" (107).

Pesquisas etnobotânicas encontraram fragmentos do algodão no Peru, datados de 3100 a.C.; os incas usaram o algodão por razões práticas e com finalidades artísticas e suas técnicas de tecelagem do algodão e a qualidade de suas matérias têxteis impressionaram os conquistadores espanhóis, sendo muitas destas técnicas perdidas (108). É comercializado como planta medicinal no Suriname (109) e cultivado como recurso natural em Shuar, Cordillera del Cóndor, Equador (110).

Notas

- (1) Centro de Cultura Viva das Tradições Afro-Brasileiras (<http://www.ftu.edu.br/ftu/centro-de-cultura-viva.html>).
- (2) Francisco Rivas Neto. O mito de origem: uma revisão do *ethos* umbandista no discurso histórico. *Revista Teologia de Síntese*, v. 1, n. 1, p. 11-27, 2010.
- (3) *Op. cit.*
- (4) Francisco Rivas Neto. *Umbanda: o elo perdido*. São Paulo: Ícone, 1994.
- (5) Francisco Rivas Neto. *Umbanda, a proto-síntese cósmica: epistemologia, ética e método da Escola de Síntese*. São Paulo: Pensamento, 2007.
- (6) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão. *Ewé Òrìsà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé Jêje-Nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- (7) François Malan Djah. *Religion traditionnelle et gestion durable des ressources floristiques en Cote D'Ivoire: Le cas des Ehotilé, riverains du Parc National des Îles Ehotilé*, *VertigO*, v 9, n. 2, p. 1-11, 2009.
- (8) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (9) *Op. cit.*, p. 75.
- (10) James A. Duke. Ethnobotanical uses of *Newbouldia laevis*, Bignoniaceae (<http://www.ars-grin.gov/cgi-bin/duke/ethnobot.pl?ethnobot.taxon=Newbouldia%20laevis>).
- (11) A. Okekeo. Three-minute herbal treatment to reduce dental caries with a *Newbouldia laevis* based extract. *American Journal of Undergraduate Research*, v. 2, n. 2, p. 1-4, 2003.
- (12) M. A. Sonibare, J. O. Moody & E. Adesanya. Use of medicinal plants for the treatment of measles in Nigeria. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 122, n. 2, p. 268-272, 2009.
- (13) François Malan Djah, *Op. cit.*
- (14) H.J.T. Venter. Nomenclature correction in *Parquetina* (Apocynaceae: Periplocoideae). *South African Journal of Botany*, v. 75, n. 3, August 2009, p. 557-559.
- (15) Venter, *Op. cit.*
- (16) http://www.westafricanplants.senckenberg.de/images/pictures/Parquetina_nigrescens_SDr_6984_1211_4a6b2a.JPG.
- (17) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (18) Aderivaldo Ramos de Santana. A cura da epilepsia na tradição Yorubá, em dezembro de 2006 (<http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/outrossaberes/africa.htm>).
- (19) A. G. Agbor & A. A. Odetola. Hematological studies of *Parquetina nigrescens* on haemorrhagic anaemic rats. *African Journal of Medical Science*, v. 30, n. 1-2, p.105-109, 2001.
- (20) M. Auguste Chevalier. On some alleged rubber-producing plants of West Africa. *African Affairs*, v. 5, p. 252-256, 1906.

- (21) C. Delaude. Les végétaux du Zaïre: Médico Matériel-magique des fontes guérisseurs et de Recherches phytochimiques. Université de Liège. Editions du Centre de Coopération au Développement (CECODE). Imprimerie George Michel SA, Liège, 1978.
- (22) Fotografia dos autores
- (23) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (24) *Op. cit.*, p. 306.
- (25) François Malan Djah, *Op. cit.*
- (26) A. J. P. Diafouka. Analyse des usages des plantes médicinales dans 4 régions de Congo-Brazzaville. Faculté des Sciences, Université libre de Bruxelles. Thèse de doctorat, 1997.
- (27) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (28) M. N. Assogba. Quelques enquêtes sur la pharmacopée traditionnelle vétérinaire en République du Bénin. 13^e Conférence de la Société Ouest Africaine de Pharmacologie, Cotonou, Collège Polytechnique Universitaire, 1984.
- (29) http://www.nybg.org/bsci/belize/Peperomia_pellucida.jpg
- (30) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 314.
- (31) Cheryl Lans. Comparison of plants used for skin and stomach problems in Trinidad and Tobago with Asian ethnomedicine. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 3, n. 3, p. 1-12, 2007.
- (32) James A. Duke, *Op. cit.*
- (33) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (34) Tinde van Andel, Joelaika Behari-Ramdas, Reinout Havinga & Sara Groenendijk. The Medicinal Plant Trade in Suriname. *Ethnobotany Research & Applications*, v. 5, p. 351-372, 2007.
- (35) My Lien Thi Nguyen. Insertions and Deletions: Evolution in the Assemblage of Vietnamese Food Plants, *Ethnobotany Research & Applications*, v. 4, p.175-201, 2006.
- (36) http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/30/Starr_021203-014_Dracaena_fragrans.jpg.
- (37) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 312.
- (38) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (39) E. K. Kakudidi. Cultural and social uses of plants from and around Kibale National Park, Western Uganda. *African Journal of Ecology*, v. 42, n. 1, p. 114-118, 2004.
- (40) J. Mitchell & A. Rook. Botanical Dermatology Database, 2011 (<http://www.botanical-dermatology-database.info>).
- (41) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (42) M. Kamatenesi-Mugisha & H. Oryem-Origa, Medicinal plants used to induce labour during childbirth in western Uganda. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 109, n. 1/3, p. 1-9, 2007.
- (43) Fotografia dos autores.
- (44) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 330.
- (45) G. H. Schmelzer et al. Plant Resources of Tropical Africa: medicinal plants. Wageningen: PROTA, 2008.
- (46) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (47), A. R. Lebbie & R. P. Guries. Ethnobotanical value and conservation of sacred groves of the Kpaa Mende in Sierra Leone. *Economic Botany*, v. 49, n. 3, p. 297-308, 1995.
- (48) <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Spilantes-groundcover-large.jpg>
- (49) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 106.
- (50) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (51) J. Mitchell & A. Rook, *Op. cit.*
- (52) Thaila Samaglia Vulpi et al. Análise do óleo essencial dos diferentes órgãos de *Acmella ciliata* Kunth (Asteraceae). *Revista Brasileira de Biociências*, v. 5, supl. 2, p. 1128-1130, 2007.
- (53) A. Chakraborty et al. Preliminary studies on local anesthetic and antipyretic activities of *Spilantes acmella* Murr. in experimental animal models. *Indian Journal of Pharmacology*, v. 42, n. 5, p. 277-279, 2010.
- (54) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (55) http://www.westafricanplants.senckenberg.de/root/index.php?page_id=14&id=943.
- (56) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 288.
- (57) C. F. Shangali et al. Use of medicinal plants in the Eastern Arc Mountains with special reference to the Hehe Ethnic Group in the Udzungwa Mountains, Tanzania, *Journal of East African Natural History*, v. 97, n. 2, p. 225-254. 2008.
- (58) Theophile Dimo et al. Antiinflammatory activity of leaf extracts of *Kalanchoe crenata* Andr. *The Indian Journal of Pharmacology*, v. 38, n. 2, p. 115-119, 2006.

- (59) T. B. Nguielefack et al. Analgesic and anticonvulsant effects of extracts from the leaves of *Kalanchoe crenata* (Andrews) Haworth (Crassulaceae). *Journal of Ethnopharmacology*, v. 106, n. 1, p. 70-75, 2006.
- (60) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (61) A. N. Nfi et al. Ethnoveterinary medicine practices in the Northwest Province of Cameroon. *Veterinary Research Communications*, v. 25, n. 1, 2001.
- (62) C. F. Shangali et al., *Op. cit.*
- (63) http://plants.usda.gov/java/largeImage?imageID=hyal_001_avp.tif.
- (64) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 278.
- (65) Harry Lorenzi & Francisco José de Abreu Matos. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.
- (66) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 278.
- (67) <http://plants.usda.gov/java/profile?symbol=KAPI>.
- (68) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 52.
- (69) Tinde van Andel et al. The Medicinal Plant Trade in Suriname. *Ethnobotany Research & Applications*, v. 5, p. 351-372, 2007.
- (70) Harry Lorenzi & Francisco José de Abreu Matos, *Op. cit.*
- (71) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 53.
- (72) Tinde van Andel et al., *Op. cit.*
- (73) <http://www.nzenzeflowerspauwels.be/AgerCony.jpg>
- (74) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 96.
- (75) Harry Lorenzi & Francisco José de Abreu Matos, *Op. cit.*
- (76) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (77) Adenike Adedayo Ogunshe, Oladipupo A Lawal & Chinedum I Iheakanwa. Effects of simulated preparations of plants used in Nigerian traditional medicine on *Candida* spp. associated with vaginal candidiasis. *Ethnobotany Research & Applications*, v. 6, p. 373-383, 2008.
- (78) Chandra Prakash Kala. Current status of medicinal plants used by traditional Vaidyas in Uttaranchal State of India, *Ethnobotany Research & Applications*, v. 3, p. 267-278, 2005.
- (79) Fabiane Borges Rocha Coelho et al. Levantamento etnofarmacológico realizado na Comunidade Mumbuca localizada no Jalapão (TO). *Revista Eletrônica de Farmácia*, v. 2, n. 2, p. 52-55, 2005.
- (80) http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/09/Mallow_January_2008-1.jpg/640px-Mallow_January_2008-1.jpg.
- (81) Francisco Rivas Neto, *Op. cit.*
- (82) Harry Lorenzi & Francisco José de Abreu Matos, *Op. cit.*
- (83) Maria Lucia Leporatti & Massimo Impieri. Ethnobotanical notes about some uses of medicinal plants in Alto Tirreno Cosentino area (Calabria, Southern Italy). *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 3, p. 34-40, 2007.
- (84) Şürkran Kültür. An ethnobotanical study of Kırklareli (Turkey). *Phytologia Balcanica*, v. 14, n. 2, p. 279-289, 2008.
- (85) J. Camejo-Rodrigues et al. An ethnobotanical study of medicinal and aromatic plants in the Natural Park of "Serra de São Mamede" (Portugal). *Journal of Ethnopharmacology*, v. 89, n. 2-3, p. 199-209, 2003.
- (86) http://www.missouriplants.com/Whiteopp/Ocimum_basilicum_plant.jpg.
- (87) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 121.
- (88) Marcio Mazutti et al. Caracterização química de extratos de *Ocimum basilicum* L. obtidos através de extração com CO₂ a altas pressões. *Química Nova*, v. 29, n. 6, p. 1198-1202, 2006.
- (89) Harry Lorenzi & Francisco José de Abreu Matos, *Op. cit.*
- (90) Marcio Mazutti et al., *Op. cit.*
- (91) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (92) Brigitte Vogl-Lukasser & Christian R. Vogl. Ethnobotanical research in homegardens of small farmers in the Alpine Region of Osttirol (Austria): an example for bridges built and building bridges. *Ethnobotany Research & Applications*, v. 2, n. 111-137, 2004.
- (93) http://www.iac.sp.gov.br/publicacoes/publicacoes_online/pdf/Tecnico202.pdf
- (94) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 135.
- (95) Harry Lorenzi & Francisco José de Abreu Matos, *Op. cit.*
- (96) Lin Chau Ming e Ayrton Amaral Junior. Aspectos Etnobotânicos de Plantas Medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes", 2000 (<http://www.nybg.org/bsci/acre/www1/medicinal.html>).
- (97) http://www.uni-graz.at/~katzer/engl/Chen_amb.html.

- (98) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 381.
- (99) Harry Lorenzi & Francisco José de Abreu Matos, *Op. cit.*
- (100) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*
- (101) Cynthia Domingues de Souza & Jeanine Maria Felfili. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 132-142, 2006.
- (102), Nancy C. Coile & Carlos R. Artaud. *Chenopodium ambrosioides* L., (Chenopodiaceae) Mexican-tea, Wanted Weed? *Botany Circular*, n. 33, p. 1-6, 1997.
- (103) M. P. Gupta. Medical Ethnobotany of the Teribes of Bocas del Toro, Panama. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 96, n. 3, p. 389-401, 2005.
- (104) http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/de/Starr_080716-9492_Gossypium_barbadense.jpg
- (105) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 204-205.
- (106) <http://www.ars-grin.gov/cgi-bin/duke/ethnobot.pl?ethnobot.taxon=Gossypium%20barbadense>
- (107) José Flávio Pessoa de Barros & Eduardo Napoleão, *Op. cit.*, p. 205.
- (108) http://natural-fabrics.suite101.com/article.cfm/peruvian_pima_cotton_gossypium_barbadense
- (109) Tinde van Andel et al., *Op. cit.*
- (110), Amy E. Duchelle. Observations on Natural Resource Use and Conservation by the Shuar in Ecuador's Cordillera del Cóndor, *Ethnobotany Research & Applications*, v. 5, p.5-23, 2007.

AS ARTES
ENTRE
AS LETRAS



Francisco Rivas Neto (São Paulo/SP, Brasil)

Médico especializado em Cardiologia e Medicina Intensiva pela Universidade de São Paulo. Sacerdote das Religiões Afro-brasileiras há mais de quatro décadas, sendo Mestre-Raiz da Escola de Síntese. Em 1970, fundou a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD), sendo seu dirigente até hoje. Também fundou, em 2003, a primeira faculdade de teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras do mundo, a Faculdade de Teologia Umbandista (FTU). Escreveu vários livros, entre eles: "Umbanda: a Proto-Síntese Cósmica", "Sacerdote, Mago e Médico", "Exu: o Grande Arcano" e "Espiritualidade e Ciência na Teologia das Religiões Afro-brasileiras".



Maria Elise Machado Rivas (São Paulo/SP, Brasil)

Bacharel em Teologia com Ênfase nas Religiões Afro-Brasileiras pela Faculdade de Teologia Umbandista (FTU). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, além de Vice-Diretora da FTU, é responsável pelas disciplinas Religiões Ocidentais e Teologia das Religiões Afro-brasileiras. Autora dos livros "Umbanda: o despertar da essência" e "O Mestre iluminando consciências".



José Luis Rojas Vuscovich (São Paulo/SP, Brasil)

Licenciado em Ciências e Artes Ambientais e graduado em Ecologia e Paisagismo pela *Univerisidad Central de Chile* (UCEN). Mestre em Integração de América Latina pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor da Faculdade de Teologia Umbandista (FTU), responsável pela disciplina Meio Ambiente e Espiritualidade.



Yuri Tavares Rocha (São Paulo/SP, Brasil)

Graduado em Engenharia Agrônômica, mestrado e doutorado em Geografia, todos pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor doutor do Departamento de Geografia/USP, responsável pelas disciplinas Paisagem e Planejamento Ambiental, Biogeografia e Teoria Geográfica da Paisagem.

© Maria Estela Guedes
estela@triplov.com
PORTUGAL

